

# HISTÓRIAS ORAIS DE VIDA: ARTES DA MEMÓRIA COMUM

Oral life stories: common memory arts

Lúcia Ozório<sup>1</sup>, Regina Glória Nunes Andrade<sup>2</sup>

## RESUMO

Buscamos diálogos da história oral com a educação popular em saúde. A partir desta perspectiva, refletimos sobre comunidade como práxis intercultural. As histórias orais de vida em comum contribuem para a compreensão e realização desta práxis. Propomos um dispositivo, o Papo de Roda, no qual a força de um comum, intercultural, experiencial através das histórias orais de vida em comum dá condições da transmissão acontecer. Estes diálogos buscam construir na saúde um pensamento-ação da/na diversidade, ocupando-se sobremaneira de uma matéria prima da saúde, as experiências de vida que articulam saúde com a minoritária história, descontínua, que se faz em lugares da cidade que permitem, no presente, o engendramento de alternativas para demandas contemporâneas de comunidade. Outro instrumento para a práxis política se afirma na educação popular em saúde, com pistas que respondem a estas demandas de comunidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação em Saúde; História; Cultura; Participação Comunitária.

## INTRODUÇÃO

Pensamos que a história oral pode contribuir para o movimento da educação popular em saúde. Neste sentido, concordamos com Portelli<sup>1</sup> sobre o significado que pode ter uma presença radical da história oral no século XXI: temos pistas para pensar a memória como “extensão da política”. Com isso, abrimos uma perspectiva crítica da historiografia do poder, aquela que se interessa pelas histórias dos reis e dos tribunais, reprodutora de tantas dominações e desi-

## ABSTRACT

We thought about the importance of oral history in popular health education. From this perspective, we have reflected about community as an intercultural praxis. The orally narrated joint life stories contribute to the comprehension and achievement of this praxis. We use an instrument, “Papo de Roda” (life stories narrated in a circle), where the strength of what is joint, intercultural, experienceable among the stories allows this transmission to happen. These dialogues intend to build in health an action-thought of/in diversity, focusing on a raw material of health: life experiences that link health to the non-continuous minority stories, which take place in city sites that allow the engendering of alternatives to community contemporary demands. Popular health education gains momentum as another instrument for the political praxis, using hints that meet these community demands.

**KEY WORDS:** Health Education; History; Culture; Consumer Participation;

gualdades. Nosso interesse pela minoritária história, rica em experiências de vida, busca dar importância à especificidade das experiências sociais, ou seja, a um processo comum ao qual tais experiências favorecem quando são compartilhadas, pois são ricas em culturas. Quando compartilhadas, produzem encontros entre culturas.

Daí nosso interesse num comum - processo, práxis intercultural expansiva, aberta às possibilidades e que se nutre com as experiências sociais. Como ter acesso a essas experiências? Escolhemos o caminho da história, ou seja,

<sup>1</sup> Lúcia Ozório, Pesquisadora sênior Universidade do Estado do Rio de Janeiro / Instituto de Psicologia - PPGPS. Pesquisadora titular : Experice (Centro de pesquisa interuniversitária, Experiência, Fontes Culturais, Educação, Paris 8 - Paris 13). Membro do Grupo de Trabalho de Psicologia Comunitária - ANPPEP. Membro do Grupo de Trabalho de Educação Popular em Saúde da ABRASCO. E-mail : lozorio@gmail.com

<sup>2</sup> Regina Glória Nunes Andrade, Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Membro do Grupo de Trabalho de Psicologia Comunitária - ANPPEP  
Financiamento: FAPERJ- Fundação Carlos Chagas de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

acompanhar um entendimento deste comum que se faz e suas relações com a memória.<sup>2</sup>

A história pela qual nos interessamos faz alianças com a saúde e a educação. Esta história que escolhemos, como diz Veyne<sup>3</sup>, é a história das classes populares que mostram que o mundo precisa ser pensado e praticado de outras formas as quais ensinam modos únicos de resistir às desigualdades sociais. Esta história dá visibilidade ao que as classes populares estão sentindo, dizendo, fazendo. Esta história se interessa pela vida que é contada, que ensina de modo muito diferente das Escolas tão apartadas da experiência.

Pensamos que esta história cuida de uma educação pela qual Freire<sup>4</sup> também se interessou. Sabemos como este autor criticou a verticalidade e o autoritarismo de muitos caminhos da educação brasileira, assim como afirmou a importância da relação dialógica, como chamou atenção, estudou este processo cheio de tensões.<sup>5</sup>

Interessante que, quando esta história se interessa pela vida, traz também uma crítica ao biologicismo da saúde, que não leva em conta o contexto da vida e do trabalho das classes populares. A saúde e a educação têm uma história cheia de autoritarismos referendados por muitas ideias e práticas.

Uma educação popular aliada a uma saúde popular vem produzindo um movimento, o movimento de educação popular em saúde, que tem histórias, muitas, de intervenções nestes autoritarismos, construindo uma saúde que leva em conta a diversidade e ocupa-se sobremaneira de uma matéria prima, a especificidade das experiências sociais.<sup>5-8</sup>

As histórias orais de vida em comum, mais especificamente, são nosso dispositivo de trabalho. Com este, pensamos ser possível trazer outra ferramenta de trabalho para a educação popular em saúde assim como contribuições teóricas que enriqueçam este campo. É estimulante abrir possibilidade de compartilhamento de saberes, fazeres-experimentações no campo da educação popular em saúde. Nosso dispositivo abre perspectivas para que se tenha acesso à memória neste/deste campo.

O trabalho com fontes orais dá importância à particularidade do tempo da memória, às artes da memória, artes de narrar, artes de escrever.<sup>6</sup> Temos acesso às artimanhas da memória, aliada a um tempo histórico, que compreende memória como combate<sup>7</sup>, que reconstrói o passado como ficção do presente.<sup>8</sup> Trata-se de um tempo da memória saturado de agoras como diz Benjamin.<sup>9</sup> Este autor, ao refletir sobre o conceito de história, pensa no tempo histórico e no historiador que não deve se interessar por como as coisas se passaram realmente. No tempo histórico, o que se passou se potencializa no presente, são agoras, atualiza-

ções sensíveis mesmo às coisas mais minúsculas de onde se podem tirar maravilhas.

Trabalhamos com narrções em comum, de histórias de vida. Colocamos em prática um modo singular de trabalhar a memória, uma coleta de lembranças<sup>10</sup>: a narração em comum. Com isso, utilizamos um modo interpretativo no qual um comum durante o relato das histórias que entendemos como experimentações de vida, cadencia a memória que se constrói no momento da narração. Assim, estamos muito mais à escuta da vida do que pensando na saúde. Assim contribuimos para abrir a vida à saúde com nossa proposta de compartilhar histórias orais de vida em comum na educação popular em saúde.

O relato de histórias orais de vida resgata a potência das fontes populares da narratividade, afirmando a necessidade do comum para ritmar este processo que consideramos intercultural: o diálogo entre as pessoas que contam suas histórias de vida enuncia culturas as mais diversas. Percebemos aqui uma dimensão da cultura, imperceptível para muitos: a cultura que surge da vida, a cultura que é a vida que pulsa em tantas histórias, insistidas, sofridas, afirmadas.

Sabendo da importância de se contextualizar o conhecimento, nosso texto se inspira em certos contextos de nosso trabalho, marcando nosso interesse por certos lugares, as comunidades pobres, onde se vive, se expõe a problemática comunitária.<sup>11,12</sup>

As análises de Gagnebin<sup>13</sup> sobre o processo narrativo nos ajudam a compreender as histórias orais de vida. Os estudos da etnologia, os estudos culturais, a filosofia, os estudos sobre educação popular em saúde, a pedagogia libertária de Paulo Freire, contribuições da análise institucional, da historiografia, principalmente das histórias (orais) de vida e sobremaneira, os saberes destes lugares onde trabalhamos inspiram nossa prática alicerçada num compromisso afetivo indispensável para quem se interessa por comunidade, co-operando na invenção da saúde comum.

Neste trabalho, não se aceitam descomprometimentos com o local de trabalho, campo do diverso, do múltiplo. É importante dizer que não existe neutralidade, estamos sempre implicados no que fazemos. É importantíssimo ter consciência disto. Estamos transformando junto, se estamos trabalhando com alguém, com grupos, com /em algum lugar.

A observação tem importância neste processo. Trata-se de uma observação que participa, da observação participante, um modo de observar, uma observação fina, sensível aos movimentos do comum que se faz no processo de trabalho, particularmente durante a narração das histórias de vida.<sup>14,15</sup>

## Comunidade como práxis intercultural e seus diálogos com as histórias orais de vida

Ao discutirmos o biográfico, mostramos nosso interesse pela micro-história, a história que se faz em certos lugares, as comunidades pobres.

Admitimos ser uma proposta política, já que quer intervir num discurso acadêmico que apresenta tendências de se despregar das lutas dos movimentos sociais, da cultura popular que nasce da experiência de vida ; optamos por certas perspectivas estético-culturais - as fontes populares da narratividade que fazem uma história sem pretensões a serem perfeitas, estáveis, enquadradas em certos pensamentos ou escolas, sem pretensões à Verdade.<sup>16</sup>

Nosso interesse pela cultura é marcado por uma revisão de certas concepções de “multiculturalismo” que privilegiam as visões-culturas dos conquistadores - colonizadores que se interessam mais em manter as desigualdades do que considerar as diferenças culturais como riquezas únicas cujos encontros podem contribuir para se descobrir novos encantamentos dos mundos.<sup>17,18</sup>

Como explorar a potência das histórias orais de vida compartilhando com a educação popular em saúde? Estamos num terreno da potência da experiência, matriz do saber democrático, necessariamente relacionada com a cultura do povo, que se constrói a todo o dia, que pode ser contada através de suas histórias de vida. A experiência precisa ocupar o lugar que tem na saúde. Reconhecê-la é reconhecer a transitividade da condição humana, é reconhecê-la num processo educativo que deve fazer parte da construção de uma saúde feita pelos mais diversos atores sociais.

Adentrando na nossa problemática, perguntamos: como explorar as virtudes da experiência a partir de uma perspectiva de comunidade? Ou melhor: como compartilhar experiências de nossas vidas? Como fazer assim composições entre educação, saúde e a história? Trata-se de trama que se tece, de práxis que se constrói comumente, ligada de modo indissociável a experimentações de vida vividas, sentidas, sofridas, afirmadas no cotidiano - ah!!!, o cotidiano - berço da vida, de culturas que se gestam através das práticas as mais diversas.

Estas experimentações de vida compartilhadas podem ser acolhidas num entendimento de comunidade como práxis intercultural. Neste sentido, quando pensamos em cultura, imediatamente podemos nos referir a uma história que se produz num tempo determinado e numa experiência que é transmitida. Pensar as condições desta transmissão configura um dos maiores desafios de nossa contemporaneidade. Desde esta perspectiva, as histórias orais de vida

em comum se configuram como um modo de transmissão de modos-culturas que se gestam no cotidiano da vida.

Consideramos um comum que está sempre em vias de se fazer e compreender, num processo em que as diferenças têm seu lugar. Este processo não busca esvaziar ou neutralizar as diferenças, ou seja, leva em conta a sua potência, a riqueza que porta trazendo para o mundo tantos outros modos possíveis de ser, estar, sentir, pensar, agir, modos de VIVER. Não se trata de um processo fácil, ou seja, não pode ser entendido por explicações simples. Digamos que a construção do comum, na sua complexidade, pode nos levar para mais longe do que se imagina. Nele há a inclusão das diferenças, ou melhor, faz-se um comum incluindo-se o que não é comum. Este trabalho de inclusão do não comum no comum faz parte da problemática sociopolítica da diferença, contribuindo para um entendimento do comum sempre se fazendo, aberto ao novo, à existência.

O comum junta de modo único as diferenças, faz com que muito do que dele participa, mesmo de modo sutil, ou espantoso - porque causa espanto - trabalha uma composição sempre inusitada.

Pensando o campo da educação popular em saúde, percebemos-lo como campo da diversidade/ adversidade, posto que lida com diferentes culturas. Pode-se falar de encontros entre culturas? Ou em fronteiras? Pensamos nas fronteiras entre - culturas, nas fronteiras interculturais, o que pode chamar nossa atenção para uma condição do comum, como ato comunitário: sua condição fronteira na medida em que lida com as fronteiras entre as culturas as mais diferentes.

Que tipo de fronteiras são as deste ato comunitário? Não pensamos nas fronteiras feitas pelo Estado interessado na fabricação da miséria e da riqueza. Não pensamos na fronteira que separa, que segrega, como dispositivo de poder. Entre as diferentes culturas do ato comunitário não há ruptura, mas um terreno que se constrói no momento em que se encontram, passagem de uma a outra que as potencializa e convida a redirecionar a atenção para aquilo que não visa a transformação, melhor dizendo, é o próprio movimento de transformação.

Assim, no comum, há um agenciamento entre experiências-diferenças culturais. Agenciar é maquinar, inventar, juntar, incluir, separar numa espantosa composição aberta às tensões, ao litígio, aos burburinhos.

No campo da educação popular em saúde, há tensões entre sinais de uma saúde que estimula as culturas da hierarquia, do mercado, do individualismo das práticas, da primazia das técnicas, do assistencialismo e modos de fazer saúde, comuns, que abrem um campo de visão à vida. São

modos mais interativos, mais afetivos, culturas de ser, viver, pensar, estar nos mundos que tramam sem que se tenha consciência de que estão agindo. Hoje o capital vampiriza a saúde, aliás a vida, mas o inverso também acontece: a vida na sua potência age.<sup>19</sup> As histórias de vida em comum escancaram esta vampirização, mostrando o sofrimento da exploração, até a morte nas suas diversas formas, as mortes em vida, mas mostram também a potência da vida, que se inventa, que dribla muitas formas de opressão.

As histórias de vida em comum trazem para a saúde a riqueza da experiência e da cultura que esta porta. Uma saúde aliada à educação popular e à história lida com sua matéria prima: a experiência que nasce das práticas individuais, sociais e favorece uma compreensão de comunidade como práxis aberta da existência.

### **Coleta de lembranças na biografia: Papo de Roda, um dispositivo de histórias orais de vida, em comum**

Este cuidar de muitas visões de mundo que a experiência porta nos autoriza falar de mundovisões. Afinal, são muitos os mundos de vida que se convocam nas narrações das histórias de vida.

Buscamos compreender um comum, experiencial, intercultural que se faz na narração das histórias de vida. Podemos falar de narrações cadenciadas por um comum, narrações que trabalham a interculturalidade, lidando com fronteiras enunciativas entre culturas. Diferentes modos de ser, pensar, sentir, agir nos mundos são contados, diversos saberes / fazeres / experiências de vida se encontram, constituem uma práxis comum que tece composições únicas do momento da narração. Estes modos mostram como diferenças/culturas/experiências de vida fazem o comum, processo singular em que há uma intervenção nas hierarquias, na indiferença à diferença ou em algum movimento que queira colocar alguma diferença como centro. A ideia é de favorecer um processo tal que permita que as diferenças sejam mais operacionais. Assim reivindica-se uma atitude disposta a questionar fronteiras e rediscutir limites.

Os atores destes processos mostram nos seus relatos a potência dos movimentos sociais, levando-nos a perceber que estes movimentos podem levar a caminhos que possibilitem insurreições, elementos de antipoder que possam contribuir para uma outra formação social, alternativa.<sup>20,21</sup>

Nosso interesse pela potência da experiência - história de vida na educação popular em saúde nos leva a insistir: o que é uma experiência? Como transmiti-la? Nas nossas reflexões, consideramos a dimensão democrática da experiência como também a necessidade de se intervir no seu

empobrecimento, nos tempos atuais. Certamente pensamos nas repercussões deste quadro na humanidade. As histórias surpreendentes estão escassas, observando-se sobremaneira o autoritarismo da informação que Santos<sup>22</sup> analisa nos dias atuais. Quanta dificuldade em compartilhar experiências!!!

Pretendemos intervir nesta escassez. As histórias (orais) de vida em comum é um modo de fazer história, de descobrir e fazer cultura. Como tal nos remetem a um repertório de experiências - a intimidade da memória com a experiência, num mundo que prima pelo consenso e pela regulação. O consenso anula a riqueza da experiência enquanto diferença. Afinal são muitos os modos de viver no mundo. E a regulação antecipa o que fazer do nosso discurso e experiência.<sup>23</sup>

Neste repertório de experiências-memórias, é importante mencionar um dispositivo que utilizamos no nosso trabalho para se contar histórias de vida em comum: o Papo de Roda. Um dispositivo, como diz Deleuze<sup>24</sup>, é uma espécie de novelo ou meada, composto de muitas linhas, não apenas uma. Isto quer dizer que com ele podemos ir pelos caminhos os mais diversos, múltiplas linhas se desenham no processo em que é empregado. Interessante esta compreensão do dispositivo, que pode nos dar a dimensão da riqueza do Papo de Roda, com processos que se formam em constante desequilíbrio, no aqui e agora da experiência.

O Papo de Roda é um espaço proposto pela comunidade da Mangueira em 2003 para se contar histórias de vida, espaço que não se desvincula do tempo em que acontece. Pode assim se redefinir a todo instante, ou seja, são muitas as linhas que se podem seguir. Guarda similitude com a roda de samba, cultura do lugar. Mangueira é uma comunidade antiga no Rio de Janeiro cuja história começou em 1862. Seus primeiros habitantes, sofrendo muitas exclusões, vieram da Mãe África, trazendo a cultura do jongo, dos tambores como contam muitos moradores nas suas histórias. E a Roda de Samba é cultura que vem destes tempos. Um dos berços do samba no Rio de Janeiro, Mangueira tem mostrado modos desta cultura se fazer presente na vida dos seus habitantes, na cidade e no mundo.<sup>25</sup>

Com o Papo de Roda, buscamos dar visibilidade às transmissões possíveis pela via do comum, através das histórias (orais) de vida, narradas num coletivo, que permitem acesso ao cotidiano da vida, às lutas dos moradores de Mangueira, esmiuçando seus cantos, sugerindo agenciamentos entre culturas - modos de vida, entre vidas tantas vezes precárias e prática estética.

Há o exercício de uma contra-memória que se deixa acontecer, enfrentando as inquietações suscitadas por este mundo tão pobre em experiências. Como dar condições

para que se tenha acesso às experiências de vida? Afinal são muitos modos - mundos de vida que ali são compartilhados. Sabedores de uma neutralidade inexistente, seus participantes ali expõem a vida que corre como as águas do rio, mostram a arte de driblar as desigualdades sociais, modos de superar a dominação que sofrem, modos de afirmar sua potência. Estes modos de ver e sentir, desejar e gozar, pensar e perceber, morar e vestir, enfim, de viver estão ali presentes, como podem, no momento da narração. Percebem-se movimentos que dão importância à durabilidade, às consequências das ações humanas, e outros que, através do contato-experiência-cultura, mostram-se como testemunhos de um tempo e de modos de viver no tempo. Nele o poder sobre a vida e o poder da vida se tensionam, deixando antever a cena política do intercultural, ou seja, da comunidade que coloca juntos experiências diversas, mundos diversos, mundos separados, evitando consensos, fazendo o comum.

Dáí se considerar o Papo de Roda como um dispositivo inegavelmente político, em que as experiências que se potencializam, mostram a vida com seus desconfortos, criam linguagens, políticas, culturas, sutilezas para existir.

A experiência narrativa e toda cultura que porta é vivência que se abre ao outro. É assim uma práxis intercultural. A narração como experiência subjetiva dá acesso a sentidos múltiplos da vida. As histórias orais de vida narradas em comum, ao favorecer um comum, experiencial, intercultural que se faz no momento da narração, mostra como a cultura viaja e inventa.

Esta experiência - narrativa e comunitária - possibilita que se tenha um acesso comum às experiências de vida, o que nos permite reexaminar os atrelamentos do processo narrativo ao indivíduo, ao gosto de muitos, inclusive das psicologias que não percebem que indivíduo-sociedade se tensionam o tempo todo.

Por outro lado, a narração comum reinventa o indivíduo, o abre ao outro, este desconhecido. Esta abertura às diferenças é construída pelas condições da transmissão comum que se faz no momento da narração.

Neste comum, experiencial, intercultural que hipotetizamos, há uma dimensão subjetiva da experiência que escapa à pura objetividade, mas há também a experiência comum, a de todos os que participam deste processo. O compreender comum atesta uma comunicação possível entre vidas-experiências-culturas. As histórias de vida relatadas em comum mostram assim a força de culturas que caminham, entre-culturas iluminadas pelas práticas e discursos dos participantes do processo. Há uma crítica em ato ao silenciamento das diferenças estimulado pelo processo de informação dos tempos atuais orquestrado pela mídia. As

rezadeiras, as parteiras, o homem do campo, o morador das comunidades pobres, os que fazem parte das classes menos favorecidas contam, cantam, dançam suas histórias, em comum. São festas contra o capital.

Vincula-se a memória à experiência, sem atá-la às idades, abrindo-a para o mundo, o que permite uma reflexão: pode-se falar de práxis, compartilhando narrações de histórias de vida. Se narrar é um recordar singular, narrar em comum pode ser mais uma singularidade neste recordar. Há aí um re-fazer comum, a memória, um re-fazer em comum muitas histórias de vida, um re-fazer a vida. Pode-se então falar de comunização de experiências, uma práxis intercultural.

Nas histórias de vida contadas em comum, modos de vidas são narrados comumente, mostrando muitas riquezas: a de uma cultura que se gesta no cotidiano da vida dos contadores, a de uma cultura que se gesta no cotidiano - momento da narração em comum, a de muitas culturas do lugar que através das histórias de vida vão pela cidade, pelo mundo. Toda a trama intercultural que se constrói mostra a importância do cotidiano na história das culturas da humanidade, mostra que o biográfico tem uma dimensão heterobiográfica, comum, intercultural.

O Papo de Roda é nômade, vai caminhando pelos mais diferentes espaços, viajando entre-culturas, forjando outros tempos, favorecendo potencializações da vida comum. Este exercício de contra-memória faz o tempo dos agoras, um tempo presente, o que não é tarefa fácil. Temos uma memória que se faz como diferença no presente, comum. Temos uma história veiculada pela oralidade, indispensável como intervenção em discursos da historiografia que adulam e referendam o poder.

O Papo de Roda, ao afirmar a potência das narrações populares, traz para a cidade as histórias da gente do lugar, sua cultura, dá visibilidade a estes testemunhos de mundos, os moradores das comunidades pobres, incluindo-as não num processo de exclusão, mas num processo comum, intercultural. Mostra que as cidades têm rastros - histórias da humanidade das culturas.

Pensando no movimento de educação popular em saúde, reportamo-nos aos desafios que temos diante de uma saúde com uma história cheia de autoritarismos. Como dispositivo, o Papo de Roda dá pistas para enfrentar esta história, criando um tempo crítico, o tempo da experiência com seu potencial de mostrar a vida na sua dimensão humana, não uma vida pensada pelas racionalidades médicas, pelos gabinetes frios e o mercado sórdido. São pistas que suscitam debates, inclusive para desarranjar a divisão social que separa nossa sociedade e reforça a saúde como privilégio de alguns.

O movimento de educação popular em saúde tem, na sua história, a tradição da Roda de Conversa, próxima do saber popular, dos movimentos sociais. Interessante lembrar os debates em 2008, na Rede de Educação Popular em Saúde - uma rede virtual - para a organização do Encontro compartilhado que colocou comumente o IV ENEPS - IV Encontro de Educação Popular e Saúde, o I Encontro Nacional de Extensão Popular em Saúde e o I Seminário Nacional da Aneps, em Caucaia, Ceará. Debatia-se qual terminologia utilizar neste grande encontro para animar os trabalhos em grupos: círculos de cultura ou roda de conversa.

Os Círculos de Cultura propostos pela pedagogia freireana são fonte de inspiração para as práticas em educação popular em saúde, e ajudam na estruturação de espaços de debate e leitura/análise coletiva de contextos e situações problema. Sabe-se que nos Círculos de Cultura freireanos experiências-culturas se compartilhavam em círculos num processo educativo singular, que primava pela relação dialógica.

Mas, para este Encontro, optou-se pelas Rodas de Conversa, um modo singular de se compreender estes Círculos de Cultura, mas também de afirmar uma proximidade ainda maior das tradições populares com a roda, um dos fundamentos da humanidade: a roda e sua potência para o encontro. Como disse uma vez, Marisa, moradora do complexo do Alemão, uma participante deste Encontro “A roda de conversa é como uma sanfona: quanto mais abre, mais tem som!”

Este conhecimento expresso por Marisa foi adquirido pela sua experiência de vida também como participante ativa do Movimento de Educação Popular em Saúde há muitos anos. Ela conhece as sinfonias e sintonias do comum que se constrói no cotidiano da saúde a que este movimento quer dar visibilidade. O diálogo, a construção coletiva na roda, as informações, as experiências compartilhadas nascem da experiência concreta de vida de seus participantes.

O Papo de Roda tem uma marca à qual damos muita importância: é nome escolhido pela comunidade da Mangueira, por seus moradores que assim quiseram nomear a experiência que estávamos a construir juntos. Isto quer dizer muita coisa. Este ato de nomear sua experiência é uma característica do saber popular: os nomes que surgem têm relação com a experiência de vida, com os desejos que se gestam, que se expressam.

O Papo de Roda tem uma singularidade em relação à roda de conversa: é um lugar de se narrar experiências de vida em comum e define um dos fundamentos antropológicos da história de vida coletiva: a necessidade de reconhecimento. Sua denominação é dada pelo local, a

Mangueira, num momento em que uma luta comunitária de sobrevivência se impunha, em 2003. Como toda prática é contextualizada, não podemos deixar de lembrar que dá um pouco de eternidade às lutas comunitárias, sem se separar da história geral e da vida social. Afirma histórias-vidas que insistem, apesar do Programa Tolerância Zero do Governo do Estado do Rio de Janeiro, é algo que resiste à velocidade global que quer postergar a vida dos pobres e deixá-los numa zona de exclusão favorável à circulação do capital. Traz modos peculiares do mundo se movimentar no local, culturas diversas.<sup>27,28</sup>

Mas o Papo de Roda e a Roda de Conversa têm algo em comum: a práxis pela vida. Ambos penetram de modos diversos, mesmo surdamente no reino da vida. Neles não se interpreta o outro pela linguagem do medo. Ao contrário, dele se aproxima guardando a sabedoria da distância entre as diferenças, deixando que elas falem e mostrem a riqueza que têm a oferecer ao mundo, comumente.

Não deixa de ser provocador reafirmar a saúde comum, pensando nas comunidades, nas cidades, nos mundos de vidas, aliás, na história através de histórias orais de vida - experiências comuns. Não deixa de ser provocador comprometer a saúde com as experiências - histórias de vida-culturas dos nossos Brasis, possibilitando novos territórios de circulação e de vidas possíveis.

Assim como a Roda de Conversa tem seu lugar na educação popular em saúde, pensamos que o Papo de Roda, ou seja, a história oral de vida em comum pode também ser um dispositivo importante para este movimento. Operar condições para que as histórias das verdureiras, das criadoras de porco, das rezadeiras, das parteiras destes nossos Brasis corram mundos é intervir nas propostas de saúde como biopoder, ou seja, como poder que se arvora ter sobre a vida. E também sobre a morte !!!, como diz ILLICH.<sup>29</sup> Estas histórias mostram que, ao invés de sucumbir ao poder sobre a vida, é possível afirmar o poder da vida, melhor dizendo, fazer um exercício de biopotência, o poder político que a vida tem de (se) criticar, de construir, de inventar, de transformar através da experiência comunizada.<sup>30</sup>

Não deixa de ser provocador pensar na força da vida, da comunização de experiências de vida na saúde como modo de realizar esta provocação. São modos de intervir na historicidade de nossos dias, muito beligerante.

### **Uma experiência de histórias orais de vida em comum e educação popular em saúde.**

A proposta da educação popular em saúde busca articular compreensões da saúde, seus conceitos, metodologias,

proposições com a práxis que verifica, inventa, transforma, faz saúde. Jogo instigante este, ao qual não nos furtamos a aderir. Assim, trazemos, para este artigo que pensa em compartilhamentos entre história, educação e saúde, um momento de nossa experiência.

Estamos no III Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde, São Paulo, na Universidade Federal de São Carlos, 2007, no curso Interculturalidade e Histórias de Vida: contribuições à educação popular e saúde.

Contar sobre sua experiência é maneira de expressar a implicação necessária de quem trabalha com nossa temática. É importante dizer que o principal esteio de nossa abordagem é justo a implicação entre os participantes do trabalho, baseada num vínculo de confiança, amizade e participações de diversos matizes, produzindo interações inusitadas.

Já no final deste curso, tivemos no meio do Papo de Roda, nosso dispositivo de trabalho para realizar o curso, a surpresa de ver ali chegarem as mulheres de Botucatu com suas obras. Ao adentrarem na roda, foram dizendo que ouviram falar que ali se falava de histórias de vida. Então para lá foram, pois achavam que isto tinha a ver com elas. Eram muitas mulheres. Eram as Mulheres Vitoriosas. Assim se chamavam. Na medida em que nos fomos conhecendo, tivemos a certeza de uma outra concepção de vitória. Não a que supõe o vencido, a do dualismo miserável, vencedor-vencido, dualismo autoritário. Não. Este Grupo de Mulheres Vitoriosas falava de uma outra vitória, a da vida, aquela cotidiana, construída no dia a dia de suas existências cheias de lutas.

Aliás, é importante pormenorizar mais o momento de sua chegada neste curso. Estávamos em meio aos debates de nossa temática, pensando justo em como favorecer a experiência da narração de histórias de vida em comum, quando elas chegaram com Dona Remédios, uma espécie de liderança deste grupo. Com elas, chega também um grande saco, colorido, de plástico, quase do mesmo tamanho que o da sua portadora que se esforçava para carregá-lo e, ao mesmo tempo, mostrava muito cuidado para não interromper o debate. Colocou-o então no fundo da sala.

Desde sua chegada, a presença deste grupo no Papo de Roda marcava uma diferença. Digamos que portava a experiência, não apenas das narrações de suas histórias, mas também das experiências num saco. Na verdade, não se conseguia ignorar a presença daquele grande saco, lá no fundo da sala, silencioso, insidioso. Quantas vozes, histórias poderia portar?

O Papo de Roda tem uma característica importante: o comum promove aberturas para o que surge no encontro. As experiências do saco foram aparecendo. Fez-se um

tempo para que as obras das Mulheres Vitoriosas fossem se espalhando pelo chão, coloridas, daquele colorido da vida que muitos não conhecem. Uma dinâmica toda especial acontece no Papo de Roda que mostrava uma vez mais sua capacidade de inventar, de lidar com o acontecimento. Os olhos dos participantes dançavam diante de tantos fazeres-pensamentos, de tantas obras de arte. Interessante a construção da história, da educação em saúde realizada por estas mulheres. Entre suas obras, objetos, coisas queridas principalmente para as mulheres e crianças não foram esquecidas. Ao vê-los, percebíamos alianças da razão com a emoção, com a natureza, com os animais, com o cotidiano da vida. As mulheres relacionavam-nos com suas experiências de mulheres e mães, em lindas narrações.

Num curso sobre histórias de vida, surge a arte como práxis do comum que se tecia naquele momento de trabalho, surge a cultura como expressão da vida contada com muita arte.

Genial a abertura das histórias orais de vida para o que surge no momento da narração, comum. Surge, no Papo de Roda, a possibilidade de um outro modo de comunicar experiências de vida. Aquele sacão no fundo da sala podia ser entendido como um analisador da importância do que surge no cotidiano da saúde, para o qual não se dá inúmeras vezes muita importância. Pedia para ser aberto. À medida que foi-se abrindo, quanta cor, quanta voz, quanta surpresa... quantas histórias de vidas se contaram a partir das obras que surgiam, que proliferavam!!! História oral de vida é arte, arte é história de vida. O comum é arte, faz história, faz artes.

Hefesto, o deus artesão, o deus da poiésis, jogava suas graças, ali, e fazia uma singular aliança com Mnemosyne, a deusa recordadora, irmã de Chronos e de Okeanos, do tempo e do oceano. Mas vale lembrar de Palas Atena, a deusa da sabedoria (Théoria) nesta aliança. Acho importante falar-se em deuses neste momento em que ali, no curso, realiza-se comunidade como práxis intercultural. A práxis em Marx não se limitou a conjugar a théoria e a poiésis dos gregos, ela também envolvia necessariamente a atividade política do cidadão, a práxis, ou seja, sua participação nos debates e nas deliberações da comunidade, suas atitudes com os outros cidadãos.<sup>31</sup> Linda lição de cidadania esta!!! As mulheres de Botucatu, entusiasmadas, são intérpretes de Mnemosyne quando contam suas histórias suscitadas pela apresentação de suas obras de arte no Papo de Roda. As artimanhas da memória se juntam com a arte, são arte-manhas que realizam (práxis) uma espécie de cidadania: estas mulheres realizam uma práxis de comunidade, com suas arte-manhas, deixando-se sabiamente entusiasmar ao narrar suas artes-vidas. O entusiasmo, segundo etimologia

da palavra, como nos ensinam os gregos, explicita um estado de quem tem um deus dentro de si.

O narrador de histórias de vida se deixa levar pelo entusiasmo, uma forma de possessão e delírio divinos, que potencializa a vida, dando-lhe muitos sentidos, através de tantas histórias. Dona Remédios - nome interessante este - em vez de se deixar levar pelas medicalizações da biomedicina, na sua vida, torna-se líder das Mulheres Vitoriosas e, com elas, constrói uma saúde cotidiana, sem remédios, através de lutas-vitórias, de obras de arte. Comumente.

## REFERÊNCIAS

- 1- Portelli A. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. In: Ferreira MM, Fernandes TM, Alberti V, organizadores. História oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/FGV; 2000. p. 67-71.
- 2- Ozorio L. O biográfico e seus dialogos com a interculturalidade como praxis de comunidade. Rev Polêmica. 2007; 20. [Citado 2009 nov. 10]. Disponível em : [http://www.polemica.uerj.br/pol20/oficinas/lipis\\_2.htm](http://www.polemica.uerj.br/pol20/oficinas/lipis_2.htm).
- 3- Veyne P. Como se escreve a história. Lisboa: Edições 70; 1992. 327 p
- 4- Freire P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1983. 220 p.
- 5- Valla V. Sobre a participação popular: uma questão de perspectiva. Cad Saúde Pública. 1998; 14(supl 2):7-18.
- 6- Guimarães Neto RB. Cidades da mineração: memória e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX. Mato Grosso: UFMT; 2006. 272p.
- 7- Foucault M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal; 1982. 295 p.
- 8- Certeau M. A escrita da História. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2002. 345p.
- 9- Benjamin W. Obras Escolhidas, vol. 1 - Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987. 256p.
- 10- Ozório L. Perspectivas da pesquisa comunitária: comunidade como práxis e seus diálogos com as histórias orais de vida. Estud Pesqui Psicol. 2007; 7(1):28-41.
- 11- Ozório L. Papo de Roda: o idoso conta sua história para o jovem, para que este conte a sua. (Relatório de pesquisa) Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro ; 2004. 170 f.
- 12- Andrade RGN, Macêdo CMV, organizadores. Território verde e rosa: construções psicossociais no Centro Cultural Cartola. Rio de Janeiro: Companhia de Freud/FAPERJ; 2010. 151p.
- 13- Gagnebin J-M. História e Narração em Walter Benjamin. São Paulo : Perspectiva: FAPESP: Campinas; SP: Editora da Universidade Estadual de campinas; 1994. 131p.
- 14- Bosi E. Memória e sociedade. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2003. 484 p.
- 15- Ozorio L. As pipas da cidade. Pistas - história de comunidade . Revista Polêmica. 2008 out./ dez ; 7(4) :32-41.
- 16- Bakhtin M. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento : o contexto de François Rabellais. Brasília: UNB; 1993. 419p.
- 17- Andrade RGN. Personalidade e cultura: construção do imaginário. Rio de Janeiro: Revan/FAPERJ; 2003. 200p.
- 18- Bauman Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 2001. 258 p.
- 19- Foucault M. História da sexualidade 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal; 1999. 152p.
- 20- PEDROSA J. I. S. Educação Popular em saúde e gestão participativa no Sistema Único de Saúde. Rev APS, jul./set. 11( 3), 2008: 303-313,
- 21- VASCONCELOS, E. M. Educação popular: de uma prática alternativa a uma estratégia de gestão participativa das políticas de saúde. Physis 14(1) 2004:67-83.
- 22- SANTOS, M. Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001. 174 p.
- 23- Deleuze G. Proust e os sigmos. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária; 1987. 183p.

- 24- Deleuze G. Que és un dispositivo? In: Foucault M. Barcelona: Gedisa; 1990. p.155-61.
- 25- Ozório, L. História e memória: comunidade, interculturalidade, relatos de vida em comum. Rev. História Oral, jan./dez.11 (1)(2), 2008 :191- 211.
- 26- Rede de Educação Popular e Saúde. On line : www.edpopsaude.net –
- 27- Araújo V. Relatora da ONU critica polícia, justiça e secretário. O Globo (Rio de Janeiro). 06 de out. 2003. Rio, p. 13.
- 28- Dutra M. Cinco PMs são indiciados pela morte de quatro rapazes no Morro do Borel. O Globo (Rio de Janeiro). 25 de jul. 2003. p. 17.
- 29- Illich I. A expropriação da saúde: nêmesis da medicina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1975. 196p.
- 30- Negri A. 5 lições sobre Império. Rio de Janeiro: DP&A; 2003. 279p.
- 31- Konder L. O Futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx no século XXI. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1992. 141p.
- 
- Submissão: setembro de 2011  
Aprovação: novembro de 2011
-